

**O PAPEL DE ENGELS NA EDITORAÇÃO DE O CAPITAL E SUA INFLUÊNCIA NA INTERPRETAÇÃO MARXISTA SOBRE A CRISE**

**ENGELS' ROLE ON THE EDITING OF CAPITAL AND HIS INFLUENCE ON THE MARXIST INTERPRETATION OF THE CRISIS**

**EL PAPEL DE ENGELS EN LA EDICIÓN DE O CAPITAL Y SU INFLUENCIA EN LA INTERPRETACIÓN MARXISTA DE LA CRISIS**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i3.42066>

Hajime Takeuchi Nozaki<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar o recente debate marxista a respeito da editoração de Engels feita nos livros de *O Capital*, em particular sobre aquela concernente a uma possível teoria da crise em Marx a partir da lei da queda tendencial da taxa de lucro. Os recentes estudos filológicos demonstram um caráter de incompletude, sobretudo no que se refere aos Livros 2 e 3 de *O Capital*, assim como intervenções significativas de Engels em sua editoração final. Apresenta-se, assim, um debate marxista que argumenta de um lado a não existência de uma teoria da crise em Marx e de outro a sua existência a partir da queda tendencial da taxa de lucro como fundamento da crise.

**Palavras-chave:** Marx, Engels, filologia, O Capital, crise.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar el reciente debate marxista sobre la edición de Engels realizada en los libros de *O Capital*, en particular sobre el relativo a una posible teoría de la crisis en Marx a partir de la ley de la tendencia a la caída de la tasa de ganancia. Estudios filológicos recientes demuestran un carácter de incompletitud, especialmente en lo que respecta a los libros 2 y 3 de *O Capital*, así como importantes intervenciones de Engels en su edición final. Así, se presenta un debate marxista que sostiene por un lado que Marx no tenía una teoría de la crisis y por otro lado que existía a partir de la tendencia a la caída de la tasa de ganancia como fundamento de la crisis.

**Palabras clave:** Marx, Engels, filología, Capital, crisis.

**Abstract:** This article aims to analyze the recent Marxist debate regarding the editing Engels made in the books of *Capital*, in particular the one concerning a possible theory of crisis in Marx from the law of the tendency of the rate of profit to fall. Recent philological studies demonstrate a character of incompleteness, especially in regard to Books 2 and 3 of *Capital*, as well as significant interventions by Engels in his final edition. Thus, a Marxist debate is presented which argues on the one hand that Marx did not have a theory of the crisis and on the other hand that it existed from the tendency of the rate of profit to fall as the foundation of the crisis.

**Keywords:** Marx, Engels, philology, Capital, crisis.

### **Introdução**

Engels foi um fiel amigo e companheiro intelectual de Marx e, ainda que possuísse uma produção autônoma relevante, é normalmente referenciado como coautor de obras importantes, bem como aquele que também se incumbiu de organizar e publicar o material deixado após a morte de seu parceiro.

No que se refere a esta última atividade, após a morte de Marx, Engels havia a intenção de preparar a obra marxiana aos militantes socialistas da Europa, Rússia e Estados Unidos, para que pudesse subsidiá-los em suas lutas políticas fora e dentro do movimento trabalhista. Além disso, pretendia manter a reputação

científica de Marx, com expectativas de que a publicação dos Livros 2 e 3 de *O Capital* pudesse ser uma espécie de monumento ao seu amigo, o maior já construído a ele (ROTH, 2009). Publicou a 4ª edição de *O Capital*, em 1890, bem como organizou os Livros 2 e 3, lançados em 1885 e 1894, respectivamente. Trouxe a público textos inéditos de Marx, como *A crítica ao Programa de Gotha*. Para Engels, contudo, não existia a intenção de publicar o conjunto completo dos escritos de Marx, ou mesmo de elaborar uma edição de modo a reconstituir a gênese e o desenvolvimento de seu pensamento (CERQUEIRA, 2015).

Tal empenho, juntamente com a própria publicação dos estudos de Engels, foi deixado a cargo, dois anos após a sua morte em 1897, do Partido Social-Democrata Alemão (SPD), considerando que a ele foram confiados os manuscritos dos dois autores (LABRIOLA, 2000 apud SGRO', 2018). Contudo, o principal projeto de resgate filológico dos estudos de Marx e Engels concretizou-se a partir da ação do Instituto Marx Engels (IME), de Moscou, desde 1921, no processo pós-revolucionário russo, a partir de um projeto denominado *Marx Engels Gesamtausgabe* (MEGA), o qual passou por algumas mudanças estruturais ao longo do século XX, mas que existe até os dias de hoje, revelando importantes e inéditos aspectos dos originais de Marx que têm aberto intensos debates no campo marxista.

Os recentes estudos filológicos revelam uma obra vigorosa, coerente e precisa de Marx, contudo inacabada. Uma das questões que se revela a partir das publicações das obras desse autor é que, ao longo do século XX, permeado por intenções políticas, houve arranjos redacionais que buscavam mostrar a obra marxiana como pronta e como referência acabada que sustentava as políticas dos Estados burocráticos do leste europeu. A editoração feita por Engels em *O Capital* insere-se neste hall de críticas pelos debatedores marxistas. Teria Engels, ao promover ajustes, arranjos e acréscimos editoriais, adicionado ideias, alterado conceitos ou adiantado conclusões das quais Marx não partilharia? Marxhausen (2014) relembra a discussão travada nos anos 1990 sobre o papel de Engels nas obras marxianas, se ele se trataria de um pensador autônomo, por vezes antagônico ao pensamento de Marx, ou se existiria algum tipo de engelsismo.

Considerando tal questão, este artigo tem como objetivo analisar o recente debate marxista a respeito da editoração de Engels feito nos livros de *O Capital*, em particular sobre aquele concernente a uma possível teoria da crise em Marx a partir da lei da queda tendencial da taxa de lucro. Para tal, apresenta o estado geral dos recentes estudos filológicos dos textos de Marx e as suas conclusões centrais, para depois se deter ao debate marxista em torno da editoração de Engels com relação a *O Capital*.

### ***Os estudos filológicos***

É possível afirmar que a recuperação e edição das obras a partir dos manuscritos deixados por Marx iniciou-se logo após sua morte, quando Engels publicou a 4ª edição de *O Capital*, em 1890, bem como organizou os Livros 2 e 3, lançados em 1885 e 1894, respectivamente, bem como textos inéditos, como *A crítica ao Programa de Gotha*. Para Engels, contudo, não existia a intenção de publicar o conjunto completo dos escritos de seu companheiro, ou mesmo elaborar uma edição de modo a reconstituir a gênese e o desenvolvimento de seu pensamento (CERQUEIRA, 2015).

Já a ideia de reunir uma edição crítica das obras completas de Marx e Engels é de 1910, de um grupo austro-marxista por meio de um plano da chamada edição de Viena, que ficou estancada pelas dificuldades do início da Primeira Guerra Mundial. Porém, entre 1905 e 1910, Karl Kautsky publicou parte dos manuscritos de Marx, de 1861 a 1863, que ficou conhecido como *Teorias da Mais-Valia*, ou o Livro IV de *O Capital*. Franz Mehring, por sua vez, editou, em 1902, uma coletânea de textos de Marx e Engels dos anos de 1841 a 1850 e cartas dos dois amigos entre os anos de 1849 e 1862 (CERQUEIRA, 2015). Já o mais importante personagem na história da recuperação das obras de Marx e Engels foi David Riazanov que, em 1909, por meio de contatos com Auguste Bebel e Kautsky, teve acesso aos manuscritos dos dois autores que estavam em posse do Partido Social-Democrata Alemão (SPD), bem como textos diretamente preservados pela filha de Marx, Laura Lafargue (CERQUEIRA, 2010). Riazanov organizou 2 volumes de artigos de Marx e Engels publicados no New York Tribune e no People's Paper (CERQUEIRA, 2015).

Riazanov, militante da revolução russa, foi encarregado por Lenin de fundar e dirigir o Instituto Marx Engels (IME). Quando terminou o Congresso Mundial da Internacional Comunista, em 1924, foi incumbido de preparar uma edição completa das obras de Marx e Engels, que foi chamada de *Marx Engels Gesamtausgabe* (MEGA). Contando com um apoio material e financeiro, recrutou um grupo de especialistas, montou uma ampla rede de correspondentes na Europa e estabeleceu colaboração com o Instituto de Pesquisa Social, de Frankfurt, o que lhe permitiu adquirir originais ou fotocópias de cartas, manuscritos e volumes existentes nos arquivos do SPD, em Berlim<sup>2</sup>. O projeto inicial da MEGA previa 42 volumes divididos em 4 seções. A primeira parte, com 17 volumes, deveria reunir os escritos de Marx e Engels com exceção daqueles relacionados a *O Capital*. A segunda seção da MEGA iria reunir não apenas o texto de *O Capital*, como todos os trabalhos e manuscritos preparatórios da crítica da economia política. Já a terceira parte abrangeria toda a correspondência de Marx e Engels, enquanto a quarta seção seria composta de dois volumes, contendo um índice temático e de nomes. Dos 42 volumes planejados, apenas 11 foram publicados, entre os anos de 1927 e 1935. (CERQUEIRA, 2010; 2015; FINESCHI, 2008; 2014; HUBMANN, 2012).

Este projeto, apesar de incompleto, trouxe ao público importantes obras tais como *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844* e *A Ideologia Alemã*, publicados em 1932, e os *Grundrisse* publicados em 1939 e 1941. Por outro lado, Cerqueira (2015) nos chama atenção para o fato de que apesar dos rigorosos critérios filológicos e editoriais, o projeto da MEGA não previa a publicação de uma parte significativa dos manuscritos de Marx, mesmo que Riazanov já houvesse mencionado a existência de dezenas de cadernos de excertos de Marx, com longos trechos de estudos, extratos de outros textos copiados, resumidos e comentados de seu uso pessoal. A linha editorial de Riazanov foi interrompida, em 1931, quando foi preso e deposto da direção do IME, por possuir divergências políticas e pessoais com Stalin. A direção do IME foi confiada a Vladimir Adoratskij e boa parte dos pesquisadores ligados a Riazanov foi demitida. Já a gestão de Adoratskij trouxe para a MEGA um caráter mais partidário, visto que era controlado diretamente pela direção do Partido Comunista, e deixando de ser um órgão essencialmente de pesquisa, para se voltar a tarefas associadas a educação e propaganda política (CERQUEIRA, 2010).

Por fim, a ascensão do nazismo e a dispersão da rede de colaboradores do IME na Alemanha levou ao fim do projeto editorial do que seria conhecida posteriormente como sendo a MEGA<sup>1</sup>. Marxhausen (2014) classifica como trágica a história como terminou a primeira MEGA, posto que na década de 1930, grande parte dos que trabalharam no IME foi lançada em prisões, deportada ou muitas vezes assassinada. Para este autor, o surgimento da MEGA se deveu, em grande parte, à intenção de Lenin de fazer com que o movimento comunista mundial se tornasse herdeiro de Marx e Engels. Já Stalin – a partir da ideia de que o leninismo é o marxismo na época do Imperialismo e da revolução proletária e de sua própria promoção a melhor discípulo de Lenin e quarto clássico – tratou de passar a obra de Marx e Engels para o segundo plano. Stalin, inclusive, interditou a publicação de *A política externa do czarismo russo*, de Engels por colidir com a imagem oficial da história russa, prática esta seguida para outros textos, até o início da década de 1980.

Nos anos 1950, sobretudo após a morte de Stalin, a edição crítica voltou a ser discutida em Moscou e em Berlim. Contudo, além das dificuldades de ordem financeira, havia ainda uma questão ideológica, qual seja, a preocupação de que uma edição filológica fragilizasse o marxismo-leninismo que servia como base para os partidos comunistas e os regimes do leste Europeu. Diante dessas dificuldades, o Instituto de Marxismo-Leninismo (IML) de Berlim Oriental deu início a um projeto editorial de menor porte, a *Marx Engels Werke* (MEW) que, entre 1956 a 1968, publicou 41 volumes. Ainda que incompleta, a MEW era a edição mais abrangente até então, tornando-se base para várias traduções, tais como a japonesa, lançada entre 1959 e 1975 e pela inglesa, a *Marx Engels Collected Works* (MECW), publicada entre 1975 e 2005, em 50 volumes (CERQUEIRA, 2015).

As tentativas de dar continuidade ou de reiniciar a MEGA nos anos 1950 não lograram êxito. As primeiras iniciativas foram no ano de 1955, do IML de Moscou, sendo saudadas pelo IML de Berlim. A intenção era reelaborar os volumes da MEGA<sup>1</sup> e paralelamente dar início à publicação dos volumes seguintes, contudo, a iniciativa estagnou, pois, a direção do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) julgou suficiente a segunda edição das obras de Marx e Engels, em andamento desde 1955, por esta corresponder ao seu trabalho de propaganda política. Pensou-se ainda na criação de uma quarta seção, dedicada aos extratos e apontamentos de Marx. Também na primeira metade da década de 1960, as iniciativas de retomada da MEGA fracassaram. O lado berlinense mais uma vez tentou retomar o projeto, propondo publicar todos os trabalhos de Marx e Engels. Propôs a denominação da edição como histórico-crítica. Já o PCUS contestou tal publicação, a começar pela denominação, defendendo ser suficiente uma subdivisão em três seções, tal qual na MEGA<sup>1</sup>, sem a organização de uma quarta seção, com excertos e anotações na margem e chegou a defender que tal projeto não poderia exceder em número de volumes a edição das obras de Lenin, entre 50 a 55 volumes. As discussões entre Berlim e Moscou protelaram consideravelmente o início dos trabalhos (FINESCHI, 2008; MARXHAUSEN, 2014).

Somente no final dos anos 1960, superadas em parte a resistência política, os IML de Moscou e de Berlim iniciaram o projeto MEGA<sup>2</sup>, lançando o primeiro volume em 1975 (CERQUEIRA, 2015; HUBMANN, 2012). Foram construídos grupos de trabalho da MEGA nas universidades de Berlim, Halle, Iena e Leipzig, na Faculdade de Pedagogia de Erfurt/Mühlhausen, bem como na Academia de Ciências

(MARXHAUSEN, 2014). Em dezembro de 1970, o IML relatou ao Politburo do SED que a edição comportaria 120 volumes e demandaria um tempo de elaboração de 25 a 30 anos (DLUBECK, 1994, apud MARXHAUSEN, 2014). Inicialmente, a previsão era da publicação de 165 volumes duplos – com texto editado e correspondente aparato crítico<sup>3</sup> – dividido em quatro seções: I) Obras, Artigos, Rascunhos (35 volumes); II) O capital e os escritos preparatórios (15 volumes); III) Correspondência, agora completa, com as cartas dirigidas a Marx e Engels (40 volumes); IV) Notas, material manuscrito adicional e apontamentos de livros (75 volumes) (HUBMANN, 2012). No entanto, devido às dificuldades de financiamento, passou-se para 114 volumes compostos pelos mesmos 2 tomos, o primeiro com textos de Marx e Engels e o segundo com aparato crítico (CERQUEIRA, 2015; FINESCHI, 2008).

Para Marxhausen (2014), o primeiro sinal visível de que a MEGA<sup>2</sup> se efetivava foi a publicação do volume teste em julho de 1972, os quais continham introdução com os princípios editoriais, o esboço das diretrizes de edição e 14 provas para exame de todas as 4 seções de diferentes períodos, com partes correspondentes de aparato crítico. E, finalmente, em 1975, os primeiros volumes da MEGA<sup>2</sup> pela Editora Dietz de Berlim foram publicados, compreendendo volumes de todas as 4 seções (MARXHAUSEN, 2014). De qualquer modo, para Hubmann (2012), a edição continuou sendo assunto do partido; quem publicava era o IML, junto ao Comitê Central do SED e do PCUS e, por isso, esta edição não saiu sem asserções políticas.

O início dos anos 1990, logo após a queda do muro, traria novas circunstâncias para o projeto da MEGA, com dificuldades de financiamento. Por iniciativa do Instituto Internacional de História Social (IISG) – onde se encontram dois terços dos manuscritos originais de Marx e Engels, bem como uma quantidade enorme de outros documentos da história do movimento trabalhista –, foi fundada, no dia 2 de outubro de 1990, em Amsterdã, a Fundação Internacional Marx-Engels (IMES). Os direitos editoriais da MEGA<sup>2</sup> passaram para esta fundação, à qual outras instituições se associaram no período subsequente. Quando a IMES assumiu o projeto, haviam sido publicados 43 volumes e 4 estavam com a editora Dietz, no prelo, enquanto 16 volumes estavam em estágio avançado de elaboração e outros já haviam sido começados. A IMES, por defender em seu estatuto um trabalho com base puramente científica e politicamente independente, trocou a editor Dietz pela editora Akademie, de caráter comercial, retirando a senhoriagem dos PCUS, SED e PDS (MARXHAUSEN, 2014). Marxhausen (2014) avalia que o viés comercial trouxe, por outro lado, uma consequente cientificidade e desideologização do novo projeto. Os trabalhos de edição, retomados em 1994, marcaram, pela primeira vez na história da MEGA, a editoração por um pequeno grupo de colaboradores da Alemanha, na Academia de Ciências de Brandemburgo (Berlim). De lá foram coordenados grupos de trabalho em Moscou, Amsterdam, Trier, Itália, Dinamarca e Japão, onde volumes individuais são respectivamente elaborados. No ano de 1998, apareceu o primeiro volume elaborado conforme estes novos princípios editoriais (HUBMANN, 2012). No ano de 1998, apareceu o primeiro volume elaborado conforme estes novos princípios editoriais (HUBMANN, 2012). Até março de 2020 foram publicados 67 volumes assim divididos: 23 dos 32 volumes previstos na primeira seção; os 15 volumes projetados para a segunda seção concluídos; 14 volumes dos 35 previstos para a terceira seção; e 15 dos 32 volumes planejados para a quarta seção.

A retomada das publicações das obras, correspondências, rascunhos e anotações de Marx desde um ponto de vista filológico retratada até aqui demonstra uma importante incompletude que alimenta possibilidades investigativas inimagináveis no século passado. Trabalhos, antes editados como obras prontas, revelam-se, antes de tudo, como obras inacabadas, como por exemplo a *Ideologia Alemã*. Para Cerqueira (2015), esta obra, publicada em 1932 pela primeira MEGA, foi apresentada como se contivesse uma formulação mais ou menos acabada do chamado materialismo histórico. Contudo, o texto editado por Riazanov e, mais tarde, Adoratskij difere em muito do manuscrito deixado por Marx e Engels, posto que há seções que, apesar de efetivamente planejadas, não foram completadas.

Segundo Cerqueira (2015), outro debate que reforça o caráter de incompletude da obra marxiana refere-se à publicação dos manuscritos da crítica da economia política compostos por Marx e empregados por Engels na edição dos Livros 2 e 3 de *O Capital*. Além destes manuscritos, é possível ter acesso, por intermédio do trabalho da MEGA<sup>2</sup>, a todos os manuscritos redigidos por Marx com vistas à composição d'*O Capital*, além de manuscritos redigidos por Engels durante o período em que preparou a edição dos Livros 2 e 3. Na interpretação de Cerqueira (2015), as implicações desse material para a compreensão da obra econômica de Marx são expressivas. A publicação de rascunhos e manuscritos de Marx revelam intervenções significativas de Engels no que se refere a mudanças na estrutura, revisão de passagens do texto e da terminologia empregada, entre outras (HECKER, 2009; ROTH, 2009). Abre-se, então, um intenso debate a respeito da influência de Engels para a editoração final de obras historicamente conhecidas como sendo de Marx.

### ***A contribuição de Engels para a editoração de O Capital***

Engels pode ser considerado como o primeiro a recuperar as obras de Marx, posto que a ele foi confiado os manuscritos do seu companheiro após sua morte. Ao mesmo tempo, mais do que simples filólogo, tornou-se um editor das obras que preparou a partir dos manuscritos deixados. Em vida, Marx publicou apenas três edições do primeiro livro de *O Capital*, sendo as duas primeiras edições na versão alemã e uma na francesa. Considerando-se que a terceira versão do Livro 1 foi publicada em dezembro de 1883, após nove meses da morte de Marx e que este já vinha com problemas de saúde desde o ano anterior, é possível especular que tenha escrito pouco da redação final da terceira versão alemã, restando a Engels prepará-la com base nos manuscritos de seu companheiro e em cópias pessoais de várias edições nas quais foram encontradas anotações. Engels inseriu várias passagens da edição francesa, especialmente na sétima seção, mas não realizou todas as indicadas por Marx. Já a quarta edição alemã, publicada em outubro de 1890, também foi editorada por Engels (FINESCHI, 2008). Para Fineschi (2008), não se pode afirmar, portanto, que haja uma edição definitiva do primeiro livro de *O Capital*.

O trabalho de editoração de Engels é ainda maior quando se refere aos Livros 2 e 3 de *O Capital*, dado o caráter inacabado do material deixado. São considerados, ao longo da vida de Marx, quatro esboços para a tentativa da exposição da crítica da economia política: 1. O Manuscrito de 1857-58, conhecidos como *Grundrisse*; 2. O Manuscrito de 1861 a 1863, das quais Engels utilizou algumas partes para o livro terceiro de

O *Capital*, bem como Kautsky para as *Teorias da Mais-valia*; 3. O Manuscrito de 1863 a 1865, com a primeira versão inteira dos segundo e terceiro livros de *O Capital*, além de outra versão do livro primeiro, da qual restam apenas fragmentos como o Capítulo 6, conhecido como inédito; 4. Escritos posteriores a 1867 que também serviram de base para as edições feitas por Engels (DEUS, 2010; FINESCHI, 2008; FINESCHI; RIVA, 2018; ROSDOLSKY, 2001; SGRO', 2018). Para o Livro 2 Marx deixou oito manuscritos (Manuscritos I a VIII) e para o Livro 3 havia um manuscrito principal redigido entre 1864-1865 e depois uma série de textos parciais escritos até 1878 (FINESCHI, 2008).

O estado incompleto do material para os Livros 2 e 3 se justifica na proporção em que Marx não escrevia livros em sua ordem, mas alternando partes de diversos livros. Por exemplo, na metade de 1865, antes mesmo da publicação do Livro 1, Marx trabalhava no manuscrito do terceiro livro e escreveu três capítulos – os quais se tornariam três seções na editoração de Engels – do segundo livro. Depois de escrever o manuscrito do terceiro livro, Marx começou a preparar o Livro 1, enviando-o para a publicação em abril de 1867, retomando, quase simultaneamente, ao trabalho para o Livro 2. Em março de 1867, concomitantemente, escreveu alguns fragmentos para os livros segundo e terceiro e coletou também extratos. Em outubro de 1867 começou a preparar a versão final do Livro 2, contudo, após doze páginas interrompeu o trabalho. Em dezembro de 1868, Marx iniciou novamente a trabalhar no segundo livro e na metade de 1870 havia escrito três capítulos que permaneceram como rascunho. Retomou a redação das questões do segundo livro no final de março de 1877 e realizou outra elaboração parcial dos dois primeiros capítulos, dois fragmentos em 1877 e dois fragmentos em 1878. Em 1880, preparou finalmente o texto base do terceiro capítulo (HECKER, 2002; 2009).

Os três capítulos preparados desde 1870 foram indicados pelo próprio Marx como material que deveria constituir a base redacional para a publicação do Livro 2. Por outro lado, se encontra de forma irregular no que se refere ao seu formato expositivo, assumindo, aos poucos, um caráter típico de texto de trabalho, com anotações, correções, cancelamentos, repetições e acréscimos posteriores. De fato, os três capítulos foram escritos em períodos diferentes, em um longo tempo de trabalho, sendo interrompidos várias vezes e alternados pelos processos de pesquisa, o que influenciou o grau de maturidade do texto; em alguns pontos, o processo de investigação se impõe ao da exposição (HECKER, 2002; 2009). Tal aspecto levaria Engels a assumir um grande protagonismo na editoração final da obra.

A partir da recuperação filológica da MEGA<sup>2</sup>, foi possível, entre 2003 e 2012, ter acesso a todos manuscritos redigidos por Marx e os trabalhos editados por Engels com vistas à composição de *O Capital* (FINESCHI, 2008; 2014). Segundo Cerqueira (2015), a publicação pela MEGA<sup>2</sup> dos manuscritos empregados por Engels na edição dos Livros 2 e 3 reforça o caráter de incompletude da obra marxiana. Para Fineschi (2008; 2014), o trabalho de Engels foi uma obra de interpretação pessoal do texto marxiano: o pensamento de ambos não seria idêntico. Afirmo, que, historicamente, não se leu mais do que reelaboração e que a teoria de Marx seria uma obra incompleta, não apenas no que se refere ao planejamento inicial de seis livros, mas também no que tange ao tratamento da teoria do capital: “*O capital* ‘por Marx’ como foi lido na história do debate *não existiria*. Existem, por um lado, os manuscritos por Marx, que são esboços, e, de outro, as edições por Engels, que finalizou textos que não estavam prontos” (FINESCHI; 2014, p. 39 – *Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 12, n. 3, p. 203-216, dez. 2020. ISSN: 2175-5604* 209

grifos do autor). Tal fato se justifica pelo trabalho que herdou de Marx, por intermédio de uma breve recomendação, pouco antes de sua morte, à sua filha Eleanor, quando disse que Engels poderia fazer algo com seus escritos. Contudo, seu companheiro não sabia o quão incompleto estava o trabalho no que viriam a ser os dois livros seguintes de *O Capital* e só tomou conhecimento das dificuldades a serem enfrentadas quando já estava trabalhando nos textos (ROTH, 2009).

O próprio Engels apontou, no prefácio à primeira edição do segundo livro, a dificuldade do trabalho editorial:

**Deixar o Livro Segundo de O Capital pronto para ser impresso**, e isso de modo tal que fosse, por um lado, obra coerente e o mais possível acabada, mas também, por outro lado, obra exclusiva do Autor e não do editor, **não foi trabalho fácil**. O grande número de elaborações existentes, na maioria fragmentárias, dificultou a tarefa. No máximo uma única (Manuscrito IV) estava, até onde se estendia, inteiramente redigida para ser impressa; em compensação, no entanto, a maior parte era obsoleta, devido a redações posteriores. A massa principal do material, embora completada no que tange ao conteúdo, não o estava quanto à forma; estava redigida na linguagem em que Marx costumava fazer seus resumos: estilo descuidado, expressões coloquiais, em geral de rude humor, termos técnicos ingleses e franceses, freqüentemente frases inteiras e até mesmo páginas em inglês; é o registro gráfico dos pensamentos na forma em que se desenvolviam na cabeça do Autor. Ao lado de certas partes isoladas, expostas pormenorizadamente, outras, igualmente importantes, apenas esboçadas; o material de fatos ilustrativos coletado estava quando muito, agrupado, mas longe de ser elaborado; ao final dos capítulos, no afã de chegar ao seguinte, freqüentemente apenas um par de frases soltas como marcos da exposição, deixada aí incompleta; por fim, a letra, reconhecidamente ilegível às vezes até para o próprio Autor (ENGELS, 1985, p. 5, grifos nossos).

Segundo Hecker (2009), várias dificuldades de editoração do Livro 2 foram encontradas por Engels, as quais o levaram a extensivas intervenções no texto marxiano. Há mudanças na estrutura do argumento, revisões e acréscimos a determinadas passagens, alterações a terminologias, entre outras. Tais alterações são notadas não apenas na primeira metade do primeiro capítulo, o qual Engels copiou, mas também no restante dos textos, os quais ele ditou. O companheiro de Marx haveria realizado mudanças enquanto ditava ao seu secretário, Oscar Eisengarten. Tais modificações são estimadas em aproximadamente 5.000 alterações, entre mudanças das formulações marxianas, cunhagem (invenção) e modelagem de terminologias e traduções de outras línguas. Um exemplo dado por Hecker (2009) de um termo inventado por Engels é o de ‘capital circulante’, o qual é uma palavra chave na segunda parte do livro e usado em dez partes. Uma possível explicação para essa opção editorial é que tal termo tem quatro diferentes significados nos manuscritos marxianos, o de processo total circulante, o de um termo contrastante ao de capital fixo, o de duas formas que o capital assume durante o processo de circulação real, como por último o da tradução do termo inglês ‘*circulating capital*’. Para Hecker (2009), Engels cunhou o termo por causa de seu uso ambíguo, para evitar mal-entendidos. A maioria dos manuscritos estava em um estado tal que em cada noite Engels revisava o que havia sido ditado no dia, apenas para estabelecer um rascunho provisório coerente para posterior edição. Engels sempre comparava o último manuscrito escrito com seus primeiros.

A MEGA<sup>2</sup> comparou a organização do texto feita por Engels com a dos capítulos nos manuscritos de Marx e forneceu uma visão geral dessa organização a qual demonstrou que a estrutura ou sequência da discussão como aparecem em Marx foram por vezes modificadas. Engels haveria encurtado a discussão e o



texto das seções, capítulos e parágrafos representaria, assim, uma síntese dos diferentes manuscritos deixados. Há ainda, na publicação da MEGA<sup>2</sup>, um índice de discrepância o qual aponta as modificações de Engels em passagens individuais, ou seja, quais sentenças ou termos foram mudados e/ou os acréscimos e supressões que realizou. Ao mesmo tempo, essa lista indica as partes nas quais a edição engelsiana seguiu diretamente um dos manuscritos escritos por Marx. A comparação de arranjos feita pela edição crítica demonstrou que os arranjos e os acréscimos de títulos estavam de acordo com os deixados originalmente, sobretudo nas primeira e segunda partes do livro, que é composto por três partes. Não obstante, a concepção e organização dos capítulos, assim como as ideias teóricas e termos, estavam em estágio de produção essencialmente inacabado. Nesse ponto, foi demonstrado que as partes 1 e 2 foram reorganizadas em cada manuscrito e os títulos dos capítulos que foram alterados por Engels estariam contradizendo, em vários casos, o texto original (HECKER, 2009).

Outro exemplo de mudanças na editoração final do Livro 2 citado por Hecker (2009) é a maneira como Engels estruturou a terceira seção em capítulos e parágrafos a partir do Manuscrito VIII, o qual teria sido iniciado por Marx como uma espécie de revisão do Manuscrito II, este último não desenvolvido sistematicamente. Havia anotações no Manuscrito II que teriam oferecido apenas indicações mínimas sobre como determinados argumentos deveriam ser estruturados. Contudo, a edição de Engels haveria seguido uma sequência definida de capítulo que se tornaria gradualmente menos coerente e se perderia em questões sem relevância. Como Marx não incluiu quase nenhum subtítulo intermediário, o arranjo de capítulos e parágrafos, assim como a organização dos subtítulos que aparecem na versão editada, foram criados de forma independente por Engels.

Por outro lado, Hecker (2009) conclui que não se pode afirmar que há desacordo entre o trabalho editorial de Engels e os textos de Marx. Ao contrário, as várias divergências poderiam ser explicadas como melhorias que compensaram deficiências na compilação principal. Nesses casos, Engels haveria corrigido erros claros no manuscrito de Marx ou corrigido pequenas passagens. Outra questão seria que a incompletude dos manuscritos de Marx deveria ser levada em conta. Haveria, em várias questões dos manuscritos originais, a tentativa de Marx em formular novas ideias sem ainda ter chegado a conclusões definitivas.

Com relação ao Livro 3, em 1992, o volume 4.2 da segunda seção da MEGA<sup>2</sup> apresentou os manuscritos para o terceiro livro de *O Capital*, o que abriu um extenso debate sobre a diferenciação entre a relação de Marx, como autor, e a de Engels como editor (HECKER, 2009). Pela primeira vez, foram revelados todos manuscritos de Marx produzidos para a elaboração de *O Capital*, entre 1863 e 1883, ano de sua morte, o que deu acesso a mais de uma dúzia de manuscritos. No que se refere ao Livro 3, foram expostos aproximadamente dez manuscritos com 800 páginas no total, em confronto com 500 páginas utilizadas para o Livro 2. Os manuscritos utilizados para o Livro 3 são completados por outros que Engels produziu para a impressão, cobrindo mais de 100 páginas de compilação (ROTH, 2009).

Roth (2009) salienta que Engels, em seu trabalho de 10 anos de editoração, encontrou as mesmas dificuldades ressaltadas anteriormente com relação ao Livro 2, sobretudo no que diz respeito ao caráter fragmentário em que se encontrava o material de Marx. Engels, no trabalho de editoração do Livro 3,

elaborou várias modificações e acréscimos, tais como havia realizado no livro anterior. No volume 14 da segunda seção da MEGA consta uma série de seus materiais editoriais de 1883 a 1894 (HECKER, 2002). Haveria modificado o texto de Marx de forma notável sem mencionar necessariamente cada detalhe das mudanças realizadas. Também teria dado uma estrutura detalhada ao texto, feito arranjos extensos, modificando conceitos e noções, bem como incluído partes de textos, buscando seguir as dicas ou frases de Marx, na medida do possível. Por exemplo, na tentativa de evitar unificar qualquer noção ou de ocultar o difícil processo pelo qual Marx passou ao tentar encontrar conceitos adequados para sua análise, Engels haveria modificado termos tais como capacidade laborativa por força de trabalho, capitalista atuante por capitalista funcional ou capital produtivo por capital industrial. A maioria das adições feitas por Engels ocorreu na quinta seção, na qual buscou organizar diferentes pensamentos ou citações de Marx sobre juros, crédito, capital monetário, entre outros. A MEGA<sup>2</sup> revelou situações também em que Engels condensara mais de 200 páginas de exemplos para menos de 20 páginas, como no caso do terceiro capítulo, quando Marx buscava estabelecer uma relação entre taxa de mais-valia e taxa de lucro (ROTH, 2009).

Já no que concerne à discussão presente no Livro 3, é possível afirmar que a conexão entre a taxa de mais-valia e a taxa de lucro, bem como sua queda tendencial constituíram-se nos temas fundamentais da pesquisa de Marx. Para Hecker (2002), como aconteceu com outros economistas, Marx viu no desenvolvimento da taxa de lucro a questão central do destino do modo de produção capitalista. Assim, teve interesse em lidar com os fatores que influenciariam a queda, registrando, em numerosas folhas, cálculos cheios de fórmulas nas margens das páginas dos livros ou em suas capas. Após terminado o manuscrito principal para o Livro 3, entre 1864-1865, Marx retomou um estudo de 132 páginas, em 1875, intitulado “Ensaio sobre mais-valia e taxa de lucro tratada do ponto de vista matemático”. Também lidou com problemas relacionados à teoria do dinheiro e do crédito, bem como do tema do aluguel e da propriedade fundiária.

### ***A polêmica da queda tendencial da taxa de lucro como explicação da crise em Marx e o papel de Engels***

O vasto material revelado pela MEGA<sup>2</sup> tem reacendido o debate sobre a crise em Marx. Entre outras questões, indaga-se se Marx dispunha ou não de uma teoria da crise elaborada. Parte dessa discussão diz respeito às novas descobertas filológicas no que tange à elaboração e editoração do Livro 3 de *O Capital*. Grande parte dos últimos textos encontrados nesse livro trata dos problemas do primeiro capítulo sobre as conexões entre a taxa de mais-valia e lucro. Uma discussão entre os marxistas refere-se aos os rearranjos de editoração feitos por Engels, os quais poderiam ter comprometido a teoria sobre a crise em Marx. Tais rearranjos incluiriam a mudança de texto das notas de rodapé para o texto principal e vice-versa, criando, alterando ou até mesmo fortalecendo determinadas exposições de Marx. Há, por exemplo, dois momentos da terceira seção sobre a queda da taxa de lucro que poderiam, nas palavras de Roth (2009), lançar uma nova luz sobre a interpretação dessa seção para a teoria da crise. Inicialmente, porque Engels teria reforçado a afirmação de Marx sobre o colapso rápido da produção capitalista, quando, no capítulo 15, sobre as

contradições internas da lei da queda tendencial da taxa de lucro, transformou a expressão ‘fazer com que caia’ em um termo mais forte, ‘colapso’, e depois haveria movido a frase de que tal “processo implicaria o rápido colapso da produção capitalista” até o final do parágrafo intitulado por ele como “Considerações Gerais”. Esse movimento editorial tem trazido questionamento por parte de alguns marxistas no que se refere à existência de fato de uma teoria da crise em Marx.

Um deles é Michael Heinrich, colaborador da MEGA<sup>2</sup>. Heinrich defende a tese de que, na produção de Marx, não é possível encontrar uma formulação final sobre a teoria da crise, mas, ao contrário, há várias abordagens para explicar as crises. Sustenta essa afirmação a partir da construção dos planos expositivos da crítica da economia política e das recentes recuperações filológicas, o que o leva, em certo momento, a se deter sobre o papel do trabalho editorial de Engels no terceiro livro de *O Capital*. Para Heinrich (2013), desde que vários marxistas consideraram a queda tendencial da taxa de lucro como o fundamento da teoria da crise em Marx, defenderam-na veementemente contra todo qualquer tipo de crítica. No entanto, afirma que a suposição de que Marx intencionava basear sua teoria sobre as crises nessa lei é consequência da editoração de Engels. Ressalta que o Manuscrito de 1865 está dividido em sete capítulos os quais Engels transformou em sete seções; a terceira seção, sobre a queda da taxa de lucro, tornou-se, com a editoração, uma seção com três capítulos. Os dois primeiros capítulos, sobre “a lei enquanto tal” (Capítulo XIII) e “os fatores contrariantes” (Capítulo XIV), teriam seguido de perto a argumentação de Marx, porém, observa que o manuscrito então flui para um mar de notas e pensamentos constantemente interrompidos, o que fez com que Engels tivesse revisado pesadamente tal material para construir o terceiro capítulo (Capítulo XV), sobre a “lei”. Haveria, assim, condensado em resumos, feito reajustes e o dividido em quatro subseções. Isso teria criado a impressão de uma teoria já largamente concluída da crise. E, desde que Engels deu o título do capítulo de “desenvolvimento das contradições internas da lei”, acabaria por criar, para os leitores que não sabiam que tal título não é originário de Marx, a expectativa de que a teoria da crise era uma consequência da “lei”. A ideia passada, afirma Heinrich (2009), é de que Marx teria em mente uma estrita conexão entre a lei da queda tendencial da taxa de lucro e uma teoria sobre a crise, quando, ao contrário, tal teoria não estaria completa. A posição teórica sobre a crise sugerida pela editoria feita por Engels seria errada, mas teria sido extremamente influente (HEINRICH, 2013).

Apesar das críticas da editoração de Engels com relação à formulação da tese da queda tendencial da taxa de lucro como fundamento da crise em Marx, autores como Michael Roberts, economista inglês, se lançam em defesa do companheiro de Marx. A defesa central de Roberts é de que a lei da queda tendencial da taxa de lucro é um fundamento unitário que explica a crise capitalista (ROBERTS, 2016). Salienta que Marx nunca teria abandonado nenhuma das leis que havia desenvolvido nos anos 1850, em Londres. Em, 1866, Marx haveria decidido escrever quatro livros de *O Capital*, que seriam publicados em três volumes, para expor as leis por ele descobertas. Argumenta que os mais recentes estudos sobre os escritos de Marx dos anos 1860 e 1870 revelam que a versão editada por Engels do Livro 3 é uma representação fiel e precisa dos manuscritos originais de Marx (ROBERTS, 2018). O argumento de que Marx abandonou a lei da queda tendencial da taxa de lucro não a considerando mais útil, nos anos 1870, é refutado por Roberts (2018). Recorda que Marx havia enviado uma carta a Engels em 1868 na qual caracterizou a lei como um dos

---

*Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 12, n. 3, p. 203-216, dez. 2020. ISSN: 2175-5604* 213

maiores triunfos sobre a ponte de burros de toda economia anterior. Assim, ressalta que, se o autor de *O Capital* houvesse abandonado a lei, teria com certeza informado a Engels, tal como o fez ao escrever as 130 páginas desenvolvendo sua lei da queda tendencial da taxa de lucro, em 1875. Argumenta que Engels se mudou de Manchester e que teria se encontrado com frequência com o amigo, podendo ter tido vários diálogos sobre o tema.

Já no que se refere ao argumento de que Engels haveria realizado modificações editoriais significantes nos escritos deixados por Marx para o Livro 3, Roberts (2018.) salienta que, na realidade, a divisão desse livro realizado por Engels deslocou parte do texto escrito por Marx sobre a lei para antes do capítulo de contratendências da lei (capítulo 14) que estavam originalmente escritos em sequência posterior a elas. Esse ajuste operado por Engels, na opinião de Roberts (ibid.), fez parecer as contratendências descritas por Marx com o mesmo peso da lei enquanto tal, quando a ordem original do texto a enfatiza novamente depois de apresentar aquelas primeiras. Perceba-se que o que para alguns autores evidencia um movimento de sobrevalorização da editoração de Engels à lei da queda tendencial da taxa de lucro é, para Roberts (ibid.), uma desvalorização, posto que a valorização teria sido dada justamente às suas contratendências.

### ***Considerações finais***

Este artigo pretendeu evidenciar a discussão sobre a influência de Engels na editoração final de *O Capital*, considerando as novas descobertas filológicas que revelaram um caráter incompleto da obra marxiana. Para os estudiosos desse campo, o caráter incompleto, mas não aproximado, da obra de Marx finalmente estaria acessível sem limites ou mediações, oferecendo muitas novas possibilidades de estudos. Se trataria apenas, portanto, da primeira interpretação, a de Engels, da obra fragmentária de Marx (ROTH, 2009). Por outro lado, no que se refere à polêmica sobre a queda tendencial da taxa de lucro ser ou não o fundamento da crise capitalista em Marx se pauta em argumentos que vão para além das descobertas filológicas, os quais não puderam ser desenvolvidos aqui.

Por outro lado, não se pretendeu, com este artigo, contestar o precioso trabalho editorial de Engels. Desde 1842, quando Marx e Engels se conheceram na Alemanha e, posteriormente, em 1844 quando se reencontraram já em Paris, formou-se uma amizade de uma vida toda e recíproca admiração entre eles. Marx consolidou-se como um revolucionário e crítico da economia política a partir de contatos com a realidade política da época e de textos, conversas e cartas compartilhadas com Engels. Se houve alguém que pudesse compreender à época as formulações e intenções de Marx foi Engels, portanto, seu trabalho editorial, além de ser uma necessidade histórica para a classe operária, foi leal e coerente do ponto de vista intelectual. Não há contestação sobre esses aspectos, ainda que se discuta imprecisões ou modificações determinantes que puderam levar a interpretações diversas do que pretendia Marx escrever.

### ***Referências:***

- CERQUEIRA, H. E. G. Breve história da edição crítica das obras de Karl Marx. **Revista de Economia Política**. São Paulo, v. 35, n. 4, p.825-844, out./dez., 2015.
- CERQUEIRA, H. E. G. David Riazanov e a edição das obras de Marx e Engels. **Revista EconomiA**. Distrito Federal, v. 11, n.1, p. 199-215, jan./abr., 2010.
- DEUS, L. In: MARX, Karl **Para a crítica da economia política**: manuscrito de 1861 a 1863 – cadernos I a V. Autêntica: Belo Horizonte, 2010.
- ENGELS, F. Prefácio. In: MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1, v.1, 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 5-15.
- FINESCHI, R. Karl Marx após a edição histórico-crítica (MEGA<sup>2</sup>): um novo objeto de investigação In: DEL ROIO, Marcos (org.). **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 15-46.
- FINESCHI, R. **Un nuovo Marx**: filologia e interpretazione dopo la nuova edizione storico-critica (MEGA<sup>2</sup>). Roma: Carocci, 2008.
- FINESCHI, R.; RIVA, T. La costruzione della teoria del modo di produzione capitalístico (1847-1865). In: PETRUCCIANI, Stefano. **Il pensiero di Karl Marx: filosofia, politica, economia**. Roma: Carocci, 2018, p. 115-142.
- HECKER, R. La seconda sezione della MEGA<sup>2</sup>: verso Il completamento. In: MAZZONE, Alessandro (org.). **MEGA<sup>2</sup>: Marx ritrovato**. Roma: Media Print, 2002. p. 49-67.
- HECKER, R. New perspectives opened by the publication of Marx's manuscripts of Capital, vol. II. In: BELLOFIORE, Ricardo; FINESCHI, Roberto. **Re-reading Marx**. News perspectives after the critical edition. New York: Palgrave Macmillan, 2009, p.17-26.
- HEINRICH, M. Crisis theory, the law of the tendency of profit rate to fall, and Marx's studies in the 1870s'. **Monthly Review**, v. 64, n. 11, p. 1-15, abr., 2013. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/2013/04/01/crisis-theory-the-law-of-the-tendency-of-the-profit-rate-to-fall-and-marxs-studies-in-the-1870s/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.
- HEINRICH, M. Reconstruction or deconstruction? Methodological controversies about value and capital, and new insights from the critical edition. In: BELLOFIORE, Ricardo; FINESCHI, Roberto. **Re-reading Marx**. News perspectives after the critical edition. New York: Palgrave Macmillan, 2009, p. 71-98.
- HUBMANN, G. Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamtausgabe. **Crítica Marxista**. Campinas, n. 34, p. 33-49, 2012.
- MARXHAUSEN, T. História crítica das obras completas de Marx e Engels. **Crítica Marxista**. Campinas, n. 39, p. 95-124, 2014.
- ROBERTS, M. **Marx 200** – a review of Marx's economics 200 years after his birth. Londres: Lulu, 2018.
- ROBERTS, M. Monocausality and crisis theory: a reply to David Harvey. In: SUBASAT, Turan. **The great financial meltdown**: systemic, conjunctural or policy created? Cheltenham, Northampton: Edward Elgar Publishin, 2016a. p. 55-72.
- ROSDOLSKY, R. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Contraponto: Rio de Janeiro, 2001.
- ROTH, R. Karl Marx's original manuscripts in the Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA): another view on Capital. In: BELLOFIORE, Ricardo; FINESCHI, Roberto. **Re-reading Marx**. News perspectives after the critical edition. New York: Palgrave Macmillan, 2009, p. 27-49.
- SGRO', G. Il lavoro sui testi: edizioni e ricerca filológica. In: PETRUCCIANI, Stefano. **Il pensiero di Karl Marx**: filosofia, politica, economia. Roma: Carocci, 2018, p. 359-387.

---

**Notas:**

- 
- <sup>1</sup> Faculdade de Educação (FACED). Departamento de Educação. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3419-7206> E-mail: [hajimenezaki@uol.com.br](mailto:hajimenezaki@uol.com.br)
- <sup>2</sup> Entre 1917 e 1930 o IME reuniu, sob a direção de Riazanov, mais de 450 mil livros e panfletos, em torno de 15 mil documentos originais e 150 mil fotocópias, entre os quais microfilmes dos manuscritos de Marx e Engels (HUBMANN, 2012).
- <sup>3</sup> Trata-se de volume publicado em separado, contendo explicações sobre o procedimento dos editores e as indicações textuais necessárias para o trabalho científico filológico, tais como o índice de variantes e o de correções feitas pelos próprios autores (Marx e Engels) nos textos publicados no tomo principal (HUBMANN, 2012).

Recebido em: 15.10.2020

Aprovado em: 09.11.2020